

## Apresentação

Neste número de *Fronteiras: Revista de História*, temos a satisfação de publicar o dossiê “Historiografia das ditaduras e processos de democratização na era digital no Cone Sul: estado da arte”, organizado por Nashla Aline Dahás Gomoziás e Daniel Lopes Saraiva. Composto por nove artigos, o dossiê propõe uma reflexão sobre os usos públicos da memória das ditaduras latino-americanas e seus atravessamentos no presente.

Os organizadores contextualizam os debates recentes no Brasil, desde as comemorações dos 50 anos do golpe de 1964, durante o governo Dilma Rousseff, até os 60 anos, em 2024, já sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse percurso, destacam-se o impeachment de Dilma Rousseff, a ascensão de Jair Bolsonaro e sua política de celebração do golpe, bem como o impacto cultural do filme “Ainda Estou Aqui”, que reativou discussões sobre a violência estatal e a memória da ditadura, em diálogo com produções similares da Argentina, do Uruguai e do Chile. Ressalta-se, ainda, o papel do audiovisual e das tecnologias digitais na construção de uma cultura política crítica, capaz de enfrentar discursos negacionistas e de fortalecer políticas de memória e reparação.

Os organizadores evidenciam que a historiografia das ditaduras no Cone Sul, especialmente no Brasil, encontra-se em permanente disputa entre memórias hegemônicas e narrativas silenciadas. O dossiê reafirma, assim, a importância da história pública e da era digital como espaços de construção de pertencimento, resistência e consciência histórica, convidando pesquisadores e leitores a enfrentar os desafios de “fazer o passado da ditadura, enfim, passar”. Os artigos estão

organizados em cinco eixos temáticos: novas vítimas, ensino de história, questão agrária, história das esquerdas e estado da arte da historiografia da ditadura. Os textos são apresentados de forma detalhada na apresentação assinada pelos organizadores.

Além do dossiê, publicamos três artigos livres, duas resenhas e um texto de divulgação das dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em História da UFGD no ano de 2024. No artigo “O Movimento Negro e a Criação da Lei 10.639/03: Atos Políticos e Ações Pedagógicas”, Melina Lima Pinotti analisa a trajetória histórica e política que levou à criação da Lei nº 10.639/2003, marco fundamental da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras. A autora destaca o papel decisivo do Movimento Negro na construção dessa agenda educacional, evidenciando as articulações políticas com o Partido dos Trabalhadores e os desafios enfrentados na implementação da legislação. O texto demonstra como a educação foi eleita como espaço estratégico de enfrentamento ao racismo e como a lei se insere em um processo histórico de reivindicações e conquistas sociais.

Em “Um Movimento Negro em Terras Palmarinas: a Associação Cultural Zumbi (1980–1988)”, Luciana Juvêncio Silva, Alcileide Cabral do Nascimento e Danilo Luiz Marques abordam a atuação da Associação Cultural Zumbi (ACZ), criada em Alagoas no final da década de 1970, em pleno contexto da ditadura civil-militar. A pesquisa evidencia como a ACZ articulou ações políticas e pedagógicas voltadas à valorização da memória de Zumbi dos Palmares e ao tombamento da Serra da Barriga, transformando-a em símbolo nacional da resistência negra. O artigo também destaca a participação das mulheres negras na entidade, o diálogo com a academia e a importância da ACZ na consolidação de práticas antirracistas nos âmbitos estadual e nacional.

No artigo “O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e socioculturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio em Nazaré”, Antonio Alves Pereira, Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento e Marcia Dutra da Silva discutem o processo de afirmação identitária dos povos indígenas Tabajara e Tapuio em Nazaré, no estado do Piauí, contrapondo-se ao mito da extinção indígena na região.

A pesquisa, de caráter qualitativo e baseada em entrevistas e análise documental, demonstra como a escola se constituiu em espaço de resistência e ressignificação cultural, contribuindo para a valorização da memória, da história e das práticas socioculturais desses povos. O artigo ressalta o papel dos “troncos velhos” na transmissão oral das tradições e a relevância da produção de materiais pedagógicos voltados ao fortalecimento da identidade indígena.

Os três artigos dialogam entre si ao abordarem diferentes dimensões da luta por reconhecimento e valorização das identidades negras e indígenas no Brasil: da conquista de políticas públicas educacionais, passando pela preservação da memória histórica, até a ressignificação dos saberes escolares em comunidades indígenas.

Após os artigos, publicamos a resenha da obra *As guerrilheiras*, de Monique Wittig, apresentada por Juliana Ben Brizola da Silva, e a resenha de *O pensamento hétero e outros ensaios*, da mesma autora, apresentada por Kleire Anny Pires de Souza.

Por fim, compartilhamos com a comunidade leitora duas importantes notícias. O Programa de Pós-Graduação em História da UFGD recebeu conceito “5” na avaliação quadrienal da CAPES (2021–2024), consolidando-se como um programa de excelência nacional que, há um quarto de século, vem formando quadros pós-graduados para a ciência brasileira. No mesmo período, foi divulgada a última avaliação do Qualis Periódicos, na qual *Fronteiras: Revista de História* foi classificada como “A2”, consolidando-se como periódico de alta qualidade, apesar das dificuldades materiais enfrentadas. Agradecemos e damos os parabéns pelos trabalhos e êxitos

Boa leitura!

**Carlos Barros Gonçalves**  
**Paula Faustino Sampaio**  
**Thiago Leandro Vieira Cavalcante**  
Editores